



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# O ANÃO SABICHÃO

## PREPARA-SE PARA UM PASSEIO

Por ANÃO SABICHÃO — Desenhos A. CASTANE

**O** illustre director do Pim-Pam-Pum, aqui há tempos, falando do meu modo de vida, referiu-se ao misterioso meio de transporte de que eu me servia.

Efectivamente, inventei um avião sem motor que me dava uma certa comodidade, mas enquanto vivi muitos anos nos bosques sempre viajei nas ásas dos passarinhos e borboletas, meus amigos e conhecidos.

E' preciso que saibam que tenho o facilidade de me tornar, ás vezes, tão pequenino, tão pequenino, que até os insectos me podem levar.

Tambem me posso transfor-

mar em vários bichinhos, conforme a minha conveniência.

Tomem, pois, cuidado!...

Quando virem qualquer môsca, a zumbir á roda de vocês, pensem sempre que pode ser o vosso amigo Anãozinho que, fiel á sua missão, se transformou assim, para poder dar fé do que se passa na vida dos meus meninos!

Ora, francamente, desta vez, comecei a sentir saúdaes das ásas que me transportaram a apetecidos passeios, e resolvi procurar qualquer passarôlo que estivesse pelos ajustes de me emprestar as suas ásas.

Tinha ainda poucas relações com a passarada de Lisboa, no entanto, como já falara com os pardais da Avenida, para lá me dirigi.

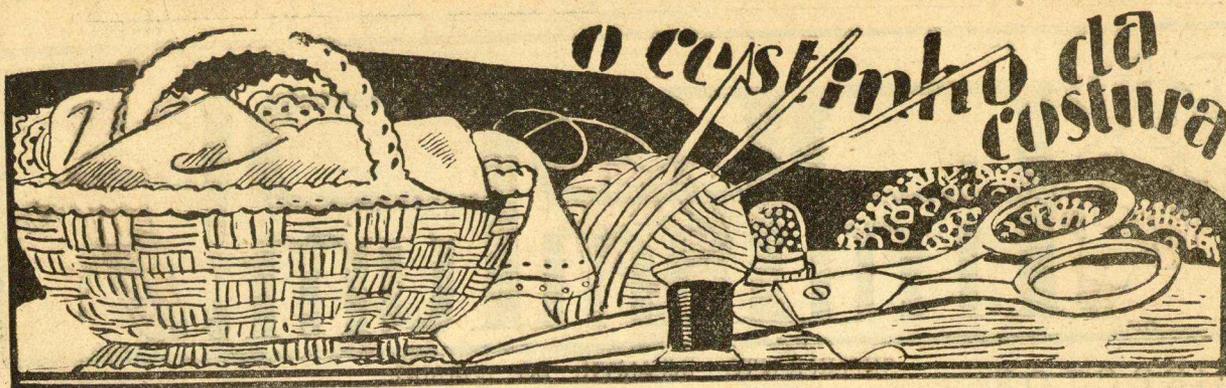
Ao primeiro que avistei a esvoaçar, de ramo em ramo, fiz o meu pedido.

E sabem o que o marôto me respondeu?

Com as peninhas, tôdas encrespadas, o espevitado pardal piou, assim:

(Continua na  
página 4)





## SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

Queridas discípulas.

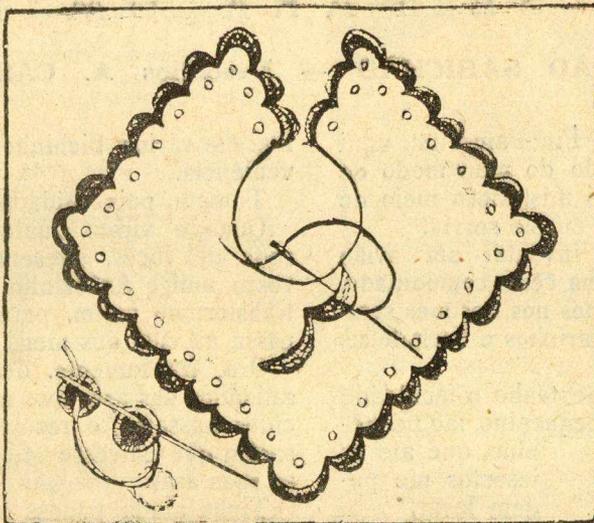
**C**HEGOU a vez ao «babette»! Trago-vos hoje um que nada tem de complicado, apenas uma inovação é nele intruzidida! — a ilhós — mas creio bem que as vossas mãósinhas, já habituadas ao recorte, hão-de executá-la sem dificuldade de maior.

Guarnece a nossa pequenina peça um recorte em toda a volta. Espero que já muitas das minhas discípulas tenham aprendido a fazer recorte, mas, aquelas que ainda não sabem, verão no desenho, em detalhe, como é se executa. Precisam, primeiro, passar duas linhas com ponto de alinhave, seguindo o contórno. Depois efectua-se como mostra a gravura.

Para fazer a ilhós tem de se contornar, primeiro, com um alinhave; depois, com o furadôr, abre-se a ilhós até á largura que se deseja e começa-se, então, com a mesma linha do alinhave a

fazer um cordão bem unido e da forma que o desenho indica.

O tecido que mais se presta para fazer este «babette», é o linho, mas também fica bonito em «nanzouk» ou «piquet»: Este último aconselho, de preferência, ás principiantes. E' tão frequente vê-las repuxar o linho e franzir a obra! Ora como éle é mais rijo, não se presta tanto a essas pequeninas trapalhices, que aliás são muito desculpáveis nas vossas idades, mas que é preciso ir corrigindo. O bordado é feito com algodão brilhante branco, ou, então, se o «babette» fôr de côr, bordai-o da mesma côr mas num tom mais escuro. O pescoço é terminado, também, com um recorte miudinho e em cada extremidade põe-se, numa, um botão e, na outra, uma bride, caseada também.



E finda por aqui a lição. Despede-se de vós, com um abraço, a vossa amiga

ABELHA MESTRA

## Meninos: — Atenção!... MONTANHA MARAVILHOSA

E o título da linda novela infantil, que ROSA SILVESTRE escreveu, expressamente, para os pequeninos, e que «Editorial-Século» pôs à venda, com magníficas ilustrações de Roberto de Araujo, ao preço de 5 ESCUDOS cada volume.

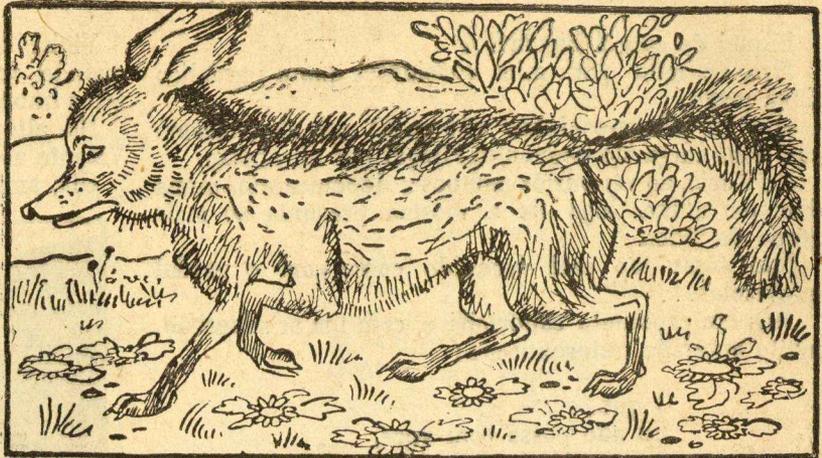
O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A boa estrêla—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garraçada—Alma delicada—Os ninhos—O Estudo—A carta anónima—A bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração. — SÃO 104 PAGINAS, 10 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 Escudos

# A RAPOSA FINÓRIA

POR ZÉ D'ALDEIA

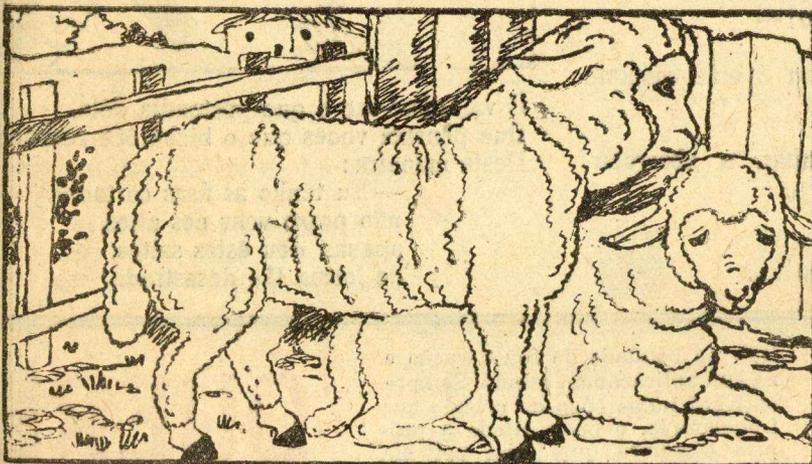
**C**ERTO dia uma raposa,  
Com fome de palmo e meio,  
De morrer teve receio.  
Como era fina, arditosa,  
Pôs-se a descobrir o meio  
De arranjar ceia gostosa...



Morava perto um pastor  
Que tinha um grande rebanho...  
Oh! se lhe roubasse um ânho,  
Era uma ceia a primôr!...

Confundida entre os carneiros  
E as ovelhas do rebanho,  
Com «Mé-més» atrai o ânho  
Aos seus dentes carneiros!

Meus meninos, a moral,  
Que neste conto fulgura,  
E' que é preciso finura  
Para o Bem, ou para o Mal!



Mas como o mal que se faz  
Se paga sempre na vida,  
A raposa volta atrás  
E, com astúcia atrevida,  
De novo assalta o redil!

Entanto, acorda o «Judeu»  
E desta feita o ardil  
De nada a ela valeu,  
Pois, com vingativa febra,  
O cão em cima lhe cai.

Arriscada era a façanha,  
Visto êle ter um lebreu  
Que se chamava «Judeu»  
Com uma bôca tamanha!...

Num pulo põe-se a correr,  
Sem que dê conta o «Judeu»,  
E, lá bem longe, o comeu  
Para à fome não morrer.

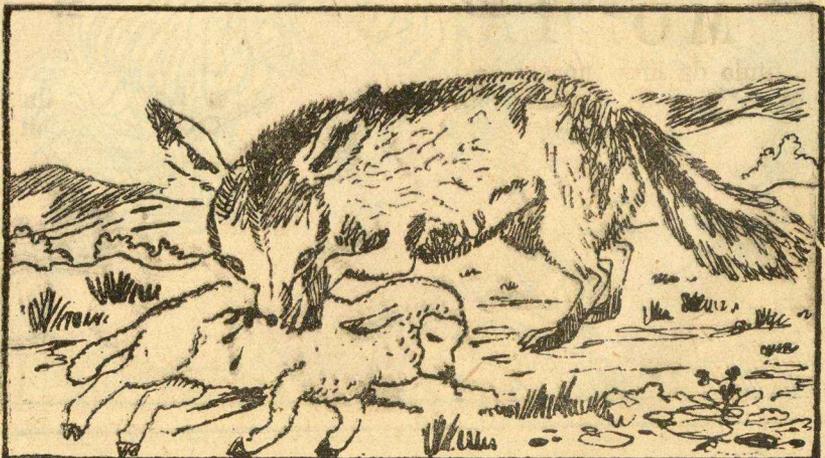
Tanta vez a bilha vai  
A' fonte, até que se quebra.

■ F I M ■

— «Despistá-la, eis a artimanha,  
(Logo pensou a matreira...)  
Se a rapozinha lhe cheira  
Dos seus dentes levo sanha!...»—

Vai-se chegando ao curral,  
Pé ante pé, devagar,  
Com receio de acordar  
O seu terrível rival.

Chegada, pé ante pé,  
Sempre de ouvidinho álferta,  
Vê que a porta estava aberta,  
Entra, e começa:— «Mé-mé!...»



— Como, com pouca pitaça,  
sem poder encher a pança,  
eu hei-de poder consigo,  
senhor Anão, meu amigo?

Fiquei de cara á banda!...  
Mas, de mim para mim, considere que o pardalico  
tinha razão:

Um tal trinca-espinnhas não podia aguentar, mesmo  
com uma carga tão pequenina! Seguí por ali abaixo.

No Rocio, ao vê vários pombos a depenicarem, numa  
data de milho, logo fiz a mesma pergunta ao mais  
gôrdo de tódos.

Não fôsse tão mal sucedido como com o pardal  
magrizela!...

Mas êle espetou a cabecinha e, com um ar soberbão,  
muito entufado, retorquiu-me:

O quê?...  
Eu não posso com você,  
que esta gente de Lisbôa,  
caritativa e tão bôa,  
têm-me enchido tanto o papo,  
que estou tão gôrdo e tão guápo.  
Não estou p'ra grandes viagens  
e não deixo estas parágens.  
Não o posso levar comigo,  
senhor Anão, meu amigo!—

Fiquei a meditar em como também é máu costume  
comer demasiado!...

Pensem nisto, meus amiguinhos!

Quando virem as travessas cheínhas, a abarrotar,  
nunca se alambazem!...

O resultado se viu,  
lá nos pombos do Rocio!...

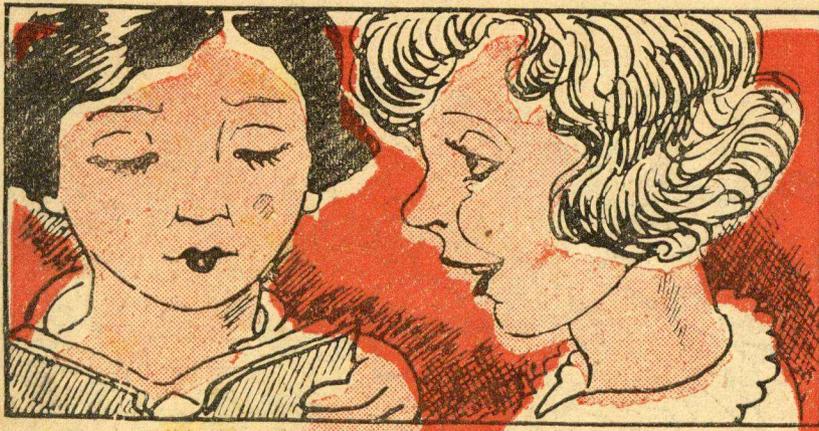
Os pais de Ema estavam viajan-  
do por longe, no estrangeiro, e ti-  
nham-na confiada, durante a pro-  
longada ausência, aos cuidados da  
velha avó e de uma tia.

Todas as manhãs as duas velhi-  
nhas preparavam o lanche que ela  
devia levar para o colégio e repa-  
ravam se lhe faltava alguma coisa.

Ema era inteligente e dócil, nun-  
ca lhes dera um desgosto; confia-  
vam, pois, no seu caracter recto e

leal, na bondade do seu coração e  
na sua aplicação ao estudo. Sempre  
obtivera notas bôas no colégio que  
frequentava, e onde, desde a pró-  
pria directora que tinha por ela  
uma particular simpatia e amiza-  
de, professoras e condiscipulas a  
estimavam.

Ema era merecedora de tudo  
isso. Os seus dotes físicos e mórals  
faziam dela uma criança encanta-  
dora; pênna era que tivesse a con-  
trabalançar com todas as suas qua-



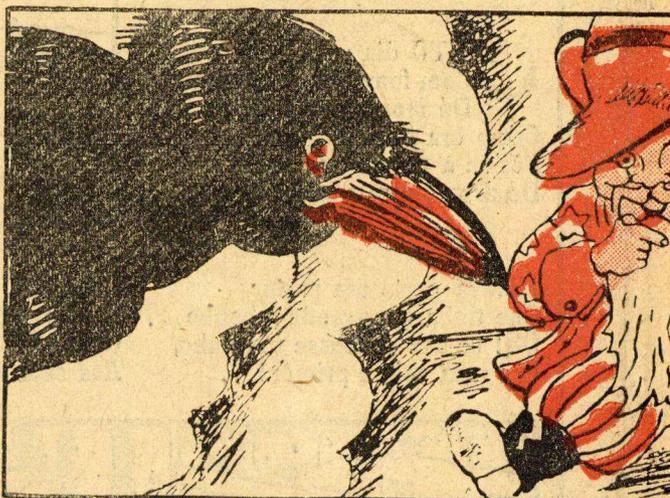
## O Anão Sabichão prepara

(Continuação)

Vinha eu sempre a matutar neste meu desejo,  
quando voltava do Século, onde tinha ido entregar  
êstes trabalhos.

No alto da Rua D. Pedro V, topei um camarada  
Vicente aos pulinhos pela rua.

Olá, amigo côrvo, como caíste do céu!



E vai, disse-lhe o que pretendia dêle.  
Que pensam vocês que o bicharôco respondeu?  
Desta maneira:

— Eu tenho as ásas cortadas,  
não posso voar nos altos,  
apenas dou êstes saltos,  
de forma tão desastrada.

## QUERER

Por FERNANDA DE MATO

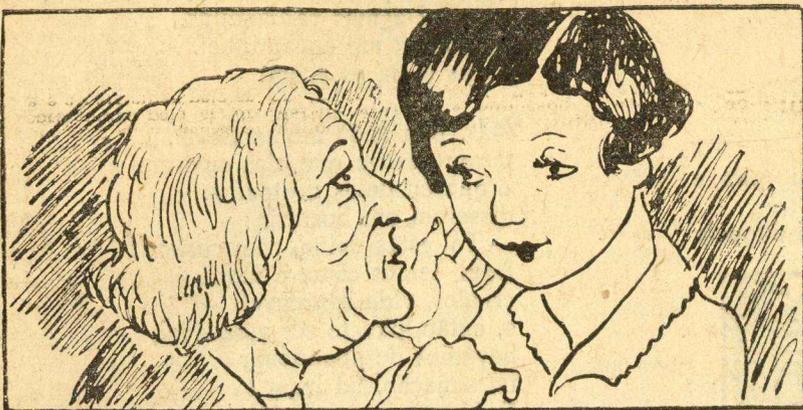
lidades, dois grandes defeitos—era  
preguiçosa e faladora.

Todos os dias era castigada nas  
áulas por estar com pouca atenção  
ao que diziam as professoras, fa-  
lando, falando sempre, ora com  
uma, ora com outra amiguinha.

Na aula de inglês até já lhe cha-  
mavam «chatter box» o que quer  
dizer, pouco mais ou menos, «céga  
rega», e, na verdade, ela era um  
verdadeiro realejo, cochichando  
sempre sem descanso.

A's vezes, entre um rebanho de  
belas rézes sãs e mansas, encon-  
tra-se uma ovelha má, uma ovel-  
ha ranhosa, como dizem os pas-  
tores. Pois, entre o grupo das me-  
ninas ajuizadas e estudiosas do seu  
colégio, havia uma má, não só pa-  
ra si, como para as outras pequen-  
nas, pois os maus exemplos têm,  
infelizmente, muita força de atrac-





e que se deixara ficar na sala, tinha exclamações ora tristes, ora indignadas.

A avó, enérgica e severa, quiz dar uma lição á delinquente.

Chamou-a, sem lhe dizer quem estava na sala.

Ema correu pressurosa, pensando serem notícias dos pais, que escreviam amiudadas vezes cartas cheias de interesse, descrevendo peripécias de viagem, mas parou, confusa e assustada, ao vêr o seu Professor.

Pelas caras da avó e da tia, compreendeu o que se passava, e, cheia de vergonha, quiz fugir mas a avó, quási sempre tão indulgente e amiga, prendeu-a por um braço com firmeza, inexoravelmente.

— Então a menina tem vergonha de aparecer diante do seu professor, e não tem vergonha de ser uma preguiçosa? perguntou, fitando-a, com ressentimento.

Então, Ema com as faces banhadas de lágrimas, mas de cabeça erguida, prometeu, estendendo a mão como para um juramento:

— Esteja descansada, avózinha; estejam todos descansados que eu hei-de fazer exame este ano... e ficarei distinta!

Havia tanta energia no seu rosto franco, tanta comoção na sua voz sincera, que todos a rodaram abraçando-a.

\* \* \*

Passaram-se dois mēses de estudo aturado e pertinaz.

Nas aulas, Ema escutava atentamente e anotava; os seus lábios estavam selados por um juramento, os olhos, brilhantes de inteligência, cravados nos livros, não se desviavam para ninguém.

Para não succumbir á vontade de tagarelar, pediu ao Professor que lhe desse um lugar longe de Olím-

pia, a qual deixou de lhe falar, despetada.

Chegaram os pais da sua viagem, quási nas vésperas do exame e, sem suspeitarem do que se passara na sua ausência, diziam á filha que, dentro das malas, de conteúdo misterioso, traziam muitas cousas para a premiar se se saísse bem do seu exame, como esperavam.

Escusado será dizer que a avó e a tia Emilia confiavam plenamente na palavra dada, embora temessem um pouco, em virtude do escasso tempo de que Ema dispuzera para se preparar.

Chegou, por fim, o dia do exame. Ema prestou as suas provas, — e, com justificado orgulho, declarou, ao chegar a casa, acompanhada do velho Professor:

— «Cumprí a minha palavra, avózinha, trago-lhe uma distinção com louvor.»

A alegria de todos foi indiscreta. Felicitaram-na, encheram-na de presentes, e, para premiar o seu esforço e a sua força de vontade, foi, ao chegarem as férias, com os pais, dar uma volta ás mais lindas provincias do nosso maravilhoso Portugal.

Daf em diante, foi estudiosa e comedida, dando a seus pais tantos motivos de alegria e orgulho que a tornaram feliz, pois, em todos os momentos difíceis da sua vida, se encheu de coragem para vencer os obstáculos de que ella é cheia, partindo sempre do principio de que— Querer é Poder?

F I M

# DESTINOS

NOVELA INFANTIL  
POR GRACIETTE BRANCO

Continuado do número anterior

— «Não negues Fernando. Sei que não és meu amigo, e, apenas o não és, porque eu sou um pobre pescador, de modo rude e selvágem; porque te dou um lar miserável; porque te indico, apenas, o caminho do trabalho mas do trabalho violento e grosseiro de pescar tainhas e carapaus...

Tu sempre foste assim, Fernando. Tu pensavas que eu não dava por ti, que não te adivinhava o temperamento, que não sabia sentir o que tens dentro de ti! Enganavas-te!

Com a minha aparência feia e boçal, tenho lido, há dez anos, no teu espírito, como num livro aberto.

Muita vez, a tua Mãe me dizia:

— O Fernando é um mandrião!

Eu não gostava de a ouvir,

mas calava-me. Obrigava-te a seguir-me no mar, para ir empatando o tempo, mas, aqui dentro, no coração, tinha pena de ti e pensava, ainda, poder dar-te um dia, um destino diverso.



Os homens do mar, os velhos pescadores, são assim... Envelhecem na esperança de que, um dia, o mar, lhes dê um presente das suas riquezas, de que as rédes surjam, um dia, atulhadas de tesouros...

Era sempre nessa velha esperança que o teu pai ia empatando o tempo...

Mas o tempo vai-me matando lentamente e eu continuo a ver-te roto e esfarrapado, tendo, apenas, dentro de ti, uma chama doirada que te vai queimando a vontade, destruindo a energia. Não chores, Fernando. Eu sou muito teu amigo».

Pela primeira vez na vida, Fernando sentia-se quasi feliz. Tinha, junto de si, uma voz carinhosa e amiga, um espírito suave que o compreendia, e esse espírito e essa voz eram de seu Pai, do velho Tio Pescada, daquele santo velhinho que vestia uma couraça de ferro aos olhos dos seus iguais!

... Chorando silenciosamente, Fernando beijava-lhe as mãos e o pobre velho acabou por chorar também.

— «Meu Pai: porque não me falou assim há mais tempo?» perguntou, de súbito, Fernando. «As suas boas palavras deram uma reacção ao meu espírito e sinto agora a louca alegria de o ajudar, de trabalhar a seu lado, de não o deixar um momento.»

Mas o Pai, com um triste sorriso em que transparecia o profundo conhecimento do espírito do filho, atalhou dizendo:

— «Não, Fernando. Os temperamentos não se modificam dum momento para o outro; o que devem é ser aplicados nas devidas funções.

Parece-te, agora, que me seguirias no mar, alegremente, mas, ao brutal contacto da realidade, a tua alegria desfazer-se-ia como a espuma das vagas. Tu nasceste para diferente destino e, se não houvessem estes milagres da natureza, acabar-se-iam os espíritos eleitos. Só lamento, meu filho, que tenhas nascido em tão miserável berço.

Mas ouve: eu não vim falar contigo, apenas para te fazer chorar e te deixar, depois, num abismo ainda mais profundo. Ouve, Fernando: a grande custo consegui amealhar umas economias, que, avaramente, tenho destinado para ti. Como não posso dar-te o futuro principesco que merecias, desejo, ao menos, melhorar-te a situação.

Nós temos, em Lisboa, aqueles primos Gonçalves, que são almas direitas e te receberão de braços abertos. Têm bom negócio: — grande armazem de mercearia, numa frequentada rua da Baixa e esperam por ti para te pôr ao balcão. Dão-te cama, mesa; a prima trata-te da roupa e ainda recebes ordenado. Eles iam, exactamente agora, meter um empregado e preferem-te por seres pessoa de família e, portanto, de absoluta confiança.

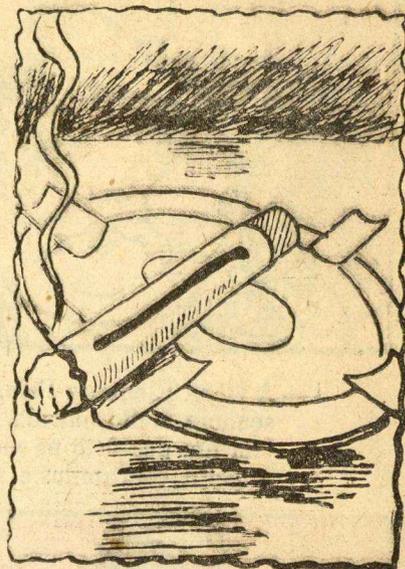
Tens aqui o dinheiro para a passagem. Toma-o. Só o que te peço, Fernando, é que sejas sempre honesto nas tuas contas. Vais ter uma vida mais calma e acuada. No entanto, tens que trabalhar, já que o destino te fez nascer pobre, meu filho».

(Continúa no próximo número)

# HORA DE RECREIO

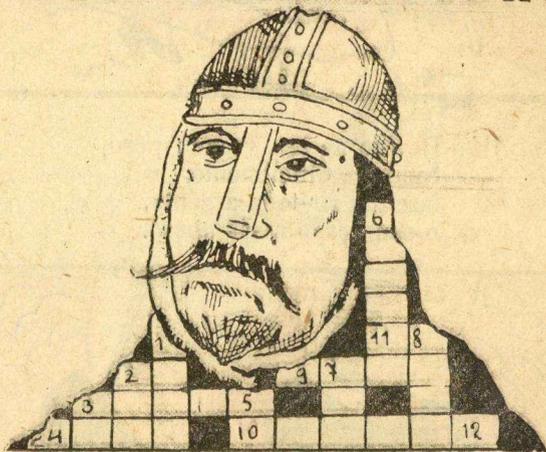
## A DIVINHA

Qual a coisa qual é ela?



Fui verde e animada outrora e em castanho transformado, vestem-me de branco agora p'ra me ver morrer queimado

## PALAVRAS CRUZADAS



D. AFONSO  
HENRIQUES

E. M. JAVAVARES  
O. E. I. R. S.  
934

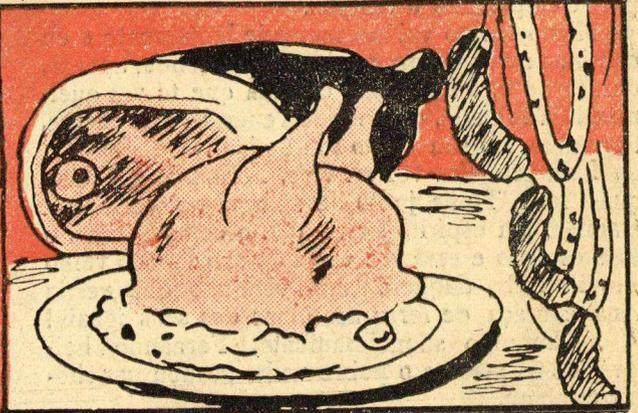
HORISONTAIS — 1, consoante; 2, nota musical; 3, Cidade Portuguesa; 4, ave columbina; 5, vogal; 6, vogal; 9, de rei; 10, rio pequeno; 11, aqui.

VERTICAIS — 1, rio português; 2, a estrela mais proxima da terra; 3, rio italiano; 4, consoante; 5, substantivo francês; 6, continente; 7, verbo ser; 8, nome do Deus maometano; 12, vogal.

# RECEITA ACERTADA



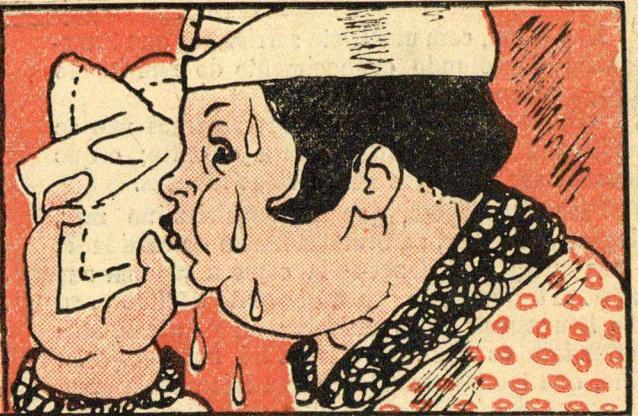
I— A Dona Eleutéria Feio,  
senhora muito nutrida,  
tem um desgosto na vida:  
— pesar cem quilos e meio!



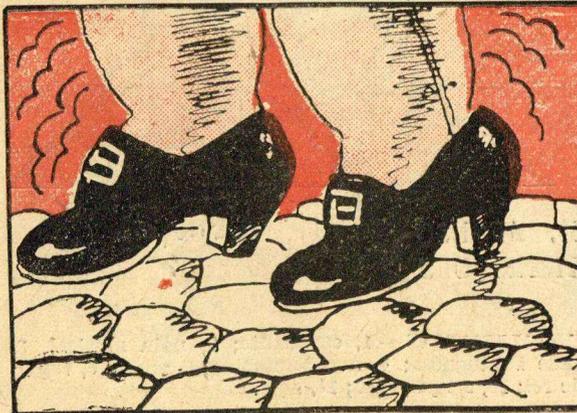
II— Sua gordura dá brado  
e até de troça é motivo.  
Seu apetite excessivo,  
foi que a pôs naquele estado.



III— Devido ao seu grande peso,  
caminha dificilmente,  
fazendo rir toda a gente,  
o seu corpo assás obeso.



IV— Ao ver-se naquele estado,  
a suar as estopinhas,  
resolve ir ao Doutor Vinhas,  
que era um médico afamado.



V— «O cansaço me consome...  
Dou dois passos, canso logo!  
— (diz-lhe ela num desafio)  
Diga-me, o que acha que eu tome?»



VI— Volve o doutor que sorri,  
sem saber que receitar:  
«Acho que deve tomar,  
sempre que sai, um «Taxi».